

APRESENTAÇÃO

Pertencimento, resistência e educação

Adilbênia Freire Machado¹

*Eles combinaram de nos matar,
mas nós combinamos de não morrer*
Conceição Evaristo

Em tempos em que as violências tomam o mundo de muitas formas, o recrudescimento do racismo se alastra. E um dos efeitos nefastos do racismo é o ocultamento e a tentativa de destruição da memória ancestral. Os modos de pensar dos povos africanos e dos povos originários do continente americano tem sido ocultados na produção filosófica acadêmica e uma das maneiras de enfrentar o racismo é discutir essa produção de pensamento. Por isso, fazer filosofia africana, no continente ou na diáspora, é resistir. Resistir a uma tentativa de apagamento que busca exterminar a potência negra no mundo.

Mas se equivoca quem pensa que a resistência negra se dá apenas na forma de uma luta que se mova em torno do lamento de um passado dolorido. Ela é também criativa, e convida a fazer parte desse mundo que se tentou apagar. Ela nos educa a pensarmos e sermos de outros modos. Nos convida a construir um pertencimento resistente educativo, ou uma educação para o pertencimento à resistência. Nos convida ao encantamento!

A filosofia tem um importante papel neste processo. Ela é um modo não apenas de reflexão, crítica e construção de sentidos, mas também de re-invenção de mundos. Nos levando a questionarmos o que somos, a partir do que foi feito a nós no passado. E, também, o que podemos nos tornar, frente a uma busca resistente daquilo que insistiu em não morrer nas malhas racistas da história moderna.

Por isso, com alegria e encanto compartilhamos o Número Especial sobre Filosofia

¹ Co-organizadora do Número Especial

Africana refletindo-a desde uma ética de pertencimento, resistência e educação.

O número especial contém dezenove (19) artigos, que podem ser divididos em três temáticas: *ética do pertencimento*; *políticas de resistência em combate ao genocídio e ao epistemicídio* e, por fim, *filosofia africana e educação*. Assim, apresenta-se a filosofia africana perpassada pelo fortalecimento do pertencimento e por políticas de resistências. Abrindo os trabalhos temos o artigo “Oyèrónké Oyèwùmí: potências filosóficas de uma reflexão” de Wanderson Flor do Nascimento; seguido por “A bio-lógica do biopoder: a (dis)posição do corpo em Oyèwùmí e Foucault” de Aline Matos da Rocha; em seguida temos “A concepção de pessoa na perspectiva afrodiáspóricas” de Julvan Moreira de Oliveira; na sequência temos “Filosofia Africana: ética de cuidado e de pertencimento ou uma poética de encantamento” de Adilbênia Freire Machado; logo após temos “Filosofia africana do ntu e a defesa de direitos biocósmicos” de Bas’Ileli Malomalo; em seguida temos “O que e quem não é Ubuntu: crítica ao “eu” dentro da filosofia ubuntu” de Luís Augusto Ferreira Saraiva; fechando a primeira parte temos “Ubuntu: considerações acerca de uma filosofia africana em contraposição a tradicional filosofia ocidental” de Regina Coeli Araújo Trindade Negreiros.

Iniciando a segunda parte temos Lorena Silva Oliveira com o artigo “O Quilombismo: uma expressão da filosofia política afroperspectivista”; na sequência temos Francisco Phelipe Cunha Paz com o artigo “MemORÍa, a flecha que rasura o tempo: reflexões contracoloniais desde uma filosofia africana e a recuperação das memórias usurpadas pelo colonialismo”; em seguida temos Eliseu Amaro de Melo Pessanha com o artigo “Do epistemicídio: as estratégias de matar o conhecimento negro africano e afrodiáspórico”; Ivo Pereira de Queiroz e Ano Sganzerla trazem o artigo “Genocídio do povo negro e bioética: uma questão antropológica”; Luís Carlos Ferreira e Eduardo David de Oliveira com o artigo “Filosofia Africana: necropolítica e poética de resistência”; Luiz Rufino e Marina Santos de Miranda encerram a segunda parte com o artigo “Racismo Religioso: política, terrorismo e trauma colonial. outras leituras sobre o problema”.

A terceira parte tem início com o artigo “O Auto-Conhecimento no Kemet: a origem das universidades” de autoria de Valter Duarte; na sequência temos ““Antes de saber para onde vai, é preciso saber quem você é”: tecnologia griot, filosofia e educação” de autoria de Renato Nogueira; em seguida temos “Ensino de filosofia, lei 10.639/03 e o devir negro” dos autores Fernando Santos de Jesus, Filipe Luiz Cerqueira Carvalho, Marcos Borges Santos e Jackson Aurélio Soares; seguimos com o artigo ““Oh, meu corpo, faz de mim um ser que questiona”: o relato sobre uma pesquisa de filosofia africana no Brasil” de Luís Thiago Freire Dantas; na

sequência temos o artigo “Estudos filosóficos sobre o negro no Brasil: um levantamento de teses e dissertações em temáticas negras nos programas de pós-graduação da área de filosofia” (1987-2018)” de Fernando de Sá Moreira; e finalizando temos o artigo “A filosofia africana como caminho multiepistemológico na academia branca” de autoria de Valmir Pereira.

Desejamos que as palavras aqui pronunciadas componham este projeto ancestral do *combinado de não morrer* pelas mãos do racismo, que insiste em buscar apagar o legado dos povos africanos a todas e todos nós.